

Intuições sobre o tempo na criação em artes visuais

Angela Raffin Pohlmann*

Resumo

Este artigo aborda questões ligadas ao processo criador em artes visuais e ao modo como o tempo vivido pode ser percebido durante estes processos. As interrogações que motivaram a pesquisa partiram da constatação do intervalo existente entre o *projeto inicial* que lança o movimento de criação e o *trajeto percorrido* durante o percurso de realização da obra. O texto procura retomar os três deuses da temporalidade: Chronos, Aiôn e Kairós, como pontos de cruzamento possíveis de se estabelecer com a experiência do tempo durante o processo de criação. *Chronos*, o deus do tempo cronológico não nos deixa esquecer dos prazos de entrega; *Aiôn*, a eterna presença (o jogo, a brincadeira) nos faz ter a sensação de que por alguns momentos, no acontecimento da criação em artes visuais, é possível paralisar o tempo e viver o “tempo em suspenso”, e *Kairós*, o deus das encruzilhadas (das bifurcações que se abrem para diferentes futuros) pode fazer surgir uma idéia nova, que, como um raio, nos prenuncia algo inesperado que pode se apresentar através de uma intuição e de nossas próprias escolhas e decisões.

Palavras-chave: Tempo. Artes Visuais. Processos de Criação.

Perceptive insights on the role of time on fine arts creation

Abstract

This paper approaches the questions related to the creation in Fine Arts, and on how the artist perceives the time spent during this process. The motivating questions for this research came from the evidences of existence of an interval between the *initial project* that triggers creation, and the *passage in art*, the elapsing time to carry through the Fine Artistic work. The text attempts to review the three Gods of Time: Chronos, Aeon and Kairos, as possible intersection points in the experienced time during the process of creation. Chronos, God of chronological time, prevents us to forget the deadlines. Aeon, the eternal presence (the play, the joy), let us have the sensation that, during the creation in Fine Arts, it is possible to stop the time and to live the “time in suspension” for a while. And Kairos, the God of the of the right opportune moments (a passing instant when an opening that brings to different futures appears), may lead us to a new idea, which, like a lightning discloses the unexpected, that may present as a perceptive insight, occurring from, basically, our own choices.

Keywords: Time. Fine Arts. Creation Process.

* Doutora em Educação (UFRGS), Mestre em Poéticas Visuais (UFRGS), Professora Adjunta de Desenho e Gravura do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

As interrogações que motivaram as reflexões que apresentamos aqui partiram da experiência de estar permanentemente em trânsito entre duas cidades do Rio Grande do Sul, Porto Alegre e Pelotas.¹ As idas e vindas me fizeram prestar atenção no “espaço” e no “tempo” existentes entre dois pontos, na proximidade ou na distância que os une ou separa, e no que pode haver no “meio do caminho”. A experiência de viver este “intervalo” imposto por uma contingência me levou a pensar também num outro intervalo: o existente entre o *projeto inicial* que ‘lança’ o movimento de criação e o *trajeto percorrido* durante a realização da obra.²

O percurso a ser realizado na criação plástica inclui um traçado feito à maneira do acaso, da cegueira e da confiança de que algo surgirá em algum ponto do caminho.³ As linhas não são retas, ao contrário, elas se fazem por entre curvas, estão cheias de idas e vindas, e no meio do caminho o artista é surpreendido por abismos, barreiras ou becos sem saída. Os pontos de partida serão sempre os eternos recomeços a que nos submetemos, pois o que alcançamos, durante a criação, são provisórios pontos de chegada.

Cada decisão tomada pelo artista (ou pelo futuro-artista) é permanentemente questionada por ele. As dúvidas aparecem em todas as etapas do processo. Às vezes, tudo se encaixa e flui naturalmente; em outros momentos, nada parece fazer sentido. Quando tentamos criar algo, ficamos tão absorvidos pelo trabalho de criação, que esquecemos temporariamente que há um outro mundo lá fora, fora do atelier. Durante estes acontecimentos que tentam acessar experiências sensíveis, mesmo que ainda em estado bruto, vivemos um tempo sem medidas, entre parênteses, como se o tempo estivesse “em suspenso”.

Trata-se de uma percepção diferente da vivência do tempo a que estamos acostumados. Pareceu-me oportuno, então, tentar encontrar pontos de interseção entre esta experiência alargada do tempo e as imagens dos três deuses da temporalidade da mitologia grega: Chronos, Aiôn e Kairós. Eles serão retomados aqui como pontos de cruzamento possíveis de se estabelecer com a experiência que temos do tempo durante o processo de criação plástica: *Chronos*, o deus do tempo cronológico não nos deixa esquecer dos prazos de entrega; *Aiôn*, a eterna presença (o jogo, a brincadeira) nos faz ter a sensação de que por alguns momentos é possível paralisar o tempo e viver o “tempo em suspenso”, e *Kairós*, o deus das encruzilhadas (das bifurcações que se abrem para diferentes futuros) pode fazer surgir uma idéia nova, que, como um raio, nos prenuncia algo inesperado que pode se apresentar através de uma intuição ou também de nossas próprias escolhas e decisões.

Sobre o tempo

A passagem do tempo é talvez uma das mais profundas sensações da percepção humana. Usamos calendários, agendas, relógios, despertadores e cronômetros para orientar e harmonizar nossas atividades com os outros, pois

estamos submetidos a exigências de pontualidade e produtividade que são medidas pelo desempenho e organização de cada um em relação ao tempo. No entanto, apesar de todo o aparato desenvolvido para o registro da passagem do tempo, ele ainda permanece um enigma.

Além do tempo biológico (dos ciclos circadianos a que estamos submetidos, por exemplo) ou deste tempo cronológico (como o dos relógios mecânicos), há um outro tempo totalmente diverso. É o tempo subjetivo que nos faz perceber a passagem do tempo mais rápida ou mais lenta, ou aquele em que organizamos mentalmente a ordem dos acontecimentos. Ainda não se sabe ao certo como este tempo mental se “relaciona com o relógio biológico do tempo corporal”, diz Antônio Damásio (2002, p. 80). Não há como saber se há algum mecanismo de registro temporal ou se nossa percepção da duração e da seqüência dos acontecimentos se baseia exclusivamente no processamento das informações; no entanto, para este neurocientista, o tempo mental pode ser determinado pela atenção que dispensamos aos eventos e pelas emoções sentidas quando eles ocorrem. “O tempo mental deve ser também influenciado pela maneira como registramos esses eventos e pelas inferências que fazemos ao percebê-los e recordá-los” (idem, p. 80).

Algumas das idéias sobre o tempo dizem que o tempo é algo que flui, que o agora está em movimento e que o presente é parte desta linha de instantes que vai se deslocando do passado que já foi ao futuro que ainda não chegou. A partir das mudanças que percebemos na sucessão temporal entre os eventos, organizamos mentalmente a seqüência dos acontecimentos. E, ao prestarmos um pouco mais de atenção, nos damos conta de que, cada vez que falamos sobre o tempo usamos uma palavra associada, nos últimos dois mil anos, ao tempo cronológico: o tempo da duração que se sucede num regime de causa e efeito, orientado e invariável. Este “fluir direcional do tempo” talvez seja seu aspecto mais marcante, pois define a concepção de causalidade (dos eventos-causa para os eventos-efeitos).

Podemos pensar, por outro lado, que o tempo do espírito ou o tempo da consciência é essa ‘temporalidade’ em que lembramos do passado ou antecipamos o futuro. Na vida prática, percebemos que dois instantes sucessivos no tempo não ocorrem juntos, mas podemos apreender estes “dois instantes numa mesma visada”, quando nos lembramos ou quando imaginamos, ao retermos o que não existe mais, ou ao projetarmos o que ainda não existe (COMTE-SPONVILLE, 2000).

Poderia parecer banal falar desta experiência do tempo que temos nas nossas experiências de vida, como a sensação de que ele passa mais depressa, se estamos vivendo um momento de prazer, ou mais devagar se o momento é de dor. Também poderia me referir, junto com o que nos diz André Comte-Sponville (2000), ao inapreensível ou impalpável; ao futuro que nos escapa ou ao passado que às vezes “não passa”. Comte-Sponville fala deste tempo da

Angela R. Pohlmann

consciência como um tempo que “não tem a regularidade nem a homogeneidade do tempo do mundo dos relógios”. Um tempo que é múltiplo, heterogêneo, desigual, que só aparece em sua fuga, desaparecendo como conceito por mais clara que possa parecer nossa experiência. É um tempo que “só se revela ocultando-se; só se entrega em sua perda; só se impõe a todos no próprio movimento pelo qual de todos escapa” (idem, p. 16-17). Pois é justamente sobre este tempo que procurarei falar: a experiência que temos do tempo enquanto estamos mergulhados nos percursos de criação, relacionando-a com as antigas idéias de tempo da mitologia.

Para isso, vale lembrar das antigas intuições sobre a temporalidade. Apesar das religiões da Grécia e Roma antigas terem desaparecido, ainda persistem os legados de seus mitos e heróis. As narrativas mitológicas, ricas em imagens arquetípicas, oferecem criativas metáforas para pensarmos sobre nossas experiências e nossas relações humanas. Nas antigas representações dos gregos sobre o tempo encontramos Chronos, Aiôn e Kairós. Chronos⁴ era o deus da ordem cronológica da sucessão dos eventos. Aiôn, que aparece num célebre fragmento de Heráclito, era o deus do acaso: o jogo, a brincadeira. Kairós era o deus do tempo associado ao momento oportuno: a decisão de seguir para um lado ou outro diante de uma encruzilhada.

O mito de Chronos simboliza o estancamento, o limite, ou a delimitação das circunstâncias temporais. Ele também representa o olhar crítico daquele que avalia as possibilidades e os limites. Do ponto de vista do currículo, podemos pensar que esta estreita relação com o tempo cronológico implica numa “delimitação intencional do conhecimento em blocos de tempo” (GARCIA, 2006)⁵. O currículo estipula o tempo para cada aula ou cada assunto, e o vincula aos objetivos, conteúdos, métodos, recursos e avaliação.

Ao retomarmos um dos aspectos qualitativos do tempo, encontramos Kairós. Em grego, a palavra *Kairós* significa o ‘momento certo’. Em latim, sua correspondente, *momentum*, refere-se ao instante, ocasião ou movimento que deixa uma marca para toda a vida. Kairós traz a idéia de movimento, complementar à noção de temporalidade representada por Chronos. Perceber o momento oportuno em relação a determinado objeto, contexto ou processo significa estar atento ao instante singular que se apresenta. É aguardar pela melhor oportunidade para agir, esperar pela ocasião certa ou momento crítico em consonância com a totalidade dos elementos em questão. Ele não reflete o passado nem antecipa o futuro: Kairós é “o melhor no instante presente”. Isto pode ser expresso como uma sutil percepção de um significado que “surge da totalidade de um instante imprevisível”, conforme encontramos nas palavras de Garcia:

A consciência de Kairós requer uma percepção aguda das necessidades dos indivíduos envolvidos, bem como daquilo que o grupo engendra. Kairós apresenta-se

Intuições sobre o tempo na criação em artes visuais

como uma *janela de oportunidade* que subitamente se percebe aberta em um dado contexto. Perceber e explorar um momento oportuno requer uma atitude atenta e criativa, o estar presente e a habilidade para inserir a ação pedagógica. Ao responder às sutis necessidades do momento, recorrendo ao sentido de oportunidade informado por Kairós, a ação pedagógica ultrapassa os limites representados por Cronos (GARCIA, 2006).

A dimensão temporal representada por Kairós tem seu significado associado ao saber 'quando' e 'como' utilizar o momento oportuno. No currículo, esta percepção ajuda a repensar as limitações impostas por Chronos (o tempo linear cronológico), e, conforme Garcia (2006) nos desafia a pensar sobre esta noção da temporalidade ainda pouco explorada (Kairós), mas muito "oportuna" para o momento crítico da educação contemporânea.

Nas línguas antigas, subsistia uma duplicidade representada por Aiôn (que em grego quer dizer "sempre") ou *aeoum* (em latim), por um lado; e, por outro lado, Chronos (em grego, quer dizer aproximadamente "tempo" tomado como uma "extensão de tempo", ou seja, a duração de uma vida, de uma era, ou de uma época) ou *tempus* (em latim, queria dizer algo como "situações consideradas no Tempo", momentos ou partes de um ritmo), pois em latim a raiz *tem-* significa "cortar". Esta diferença entre a idéia de Aiôn (em latim, *aeoum*) "sempre", e Chronos (em latim, *tempus*) "cortar", só foi superada pela "fusão dos dois termos em um, de modo que um e outro subsistam somente combinados, como notas da mesma idéia" (CALVO, 2001, p. 16). A contradição existente na palavra que empregamos hoje no nosso vocabulário semântico para designar *tempo* partiu desta "falsidade fundamental" e de uma impossibilidade: não é possível que uma palavra como 'tempo' se refira verdadeiramente ao *tempo*, pelo fato de que ao se referir a ele, o faz ser o que ele não é. 'Tempo' pretendia referir-se à continuidade e à infinitude, a um 'passar' que não nota que passa. Há sempre algo que escapa. Algo "sem fim, sem limites nem cortes, sem linha nem figura" (idem, p. 17).

Estas duas formas de aparição do tempo, como Aiôn (duração, continuidade) e como Chronos (momentos, descontinuidade) correspondem a suas duas caras heterogêneas, tão diferentes entre si, que não podemos mencioná-la simultaneamente.

Domesticar esta infinitude do tempo pressupõe traí-lo numa espacialização do tempo. Fazendo-o espaço, o tempo deixou-se nomear, pois espaço é a condição para con-ceber, para ver de um golpe de vista, para ter o significado de uma palavra que o registre. Assim, operamos em um "cronotopo", em um tempo domesticado pelos dias e minutos contados nos relógios e calendários, em um tempo que se vê e se concebe, que se pode contar e medir, apesar desta 'inimizade' existente entre o que chamamos 'espaço' e o que chamamos 'tempo'.

Angela R. Pohlmann

Considere importante retomar estes três deuses da temporalidade por acreditar que o tempo vivido durante o acontecimento da criação plástica não corresponde ao tempo como o concebemos normalmente. Tinha em mente a idéia de que o tempo de criação era como “pontos de passagem”, que nos tiravam do tempo e nos colocavam em um tempo em suspenso, desterritorializado, que não pode ser medido nem espacializado. Um tempo diferente do tempo cronometrado pelos relógios ou aprisionado pelos calendários.

Sobre a criação plástica

A arte possui certa rebeldia da subjetividade contra a positividade do mundo. Trabalhamos com percepções, memórias, imaginação, linguagem e pensamento abrindo comportas. Podemos nos manter no espaço conhecido e seguir os métodos que “ensinam” como fazer, num modo programado, lógico, ordenado e ordenador. Entretanto, este “adestramento” premeditado só nos levará a caminhos já traçados; será “o fio do labirinto com o qual acabaremos enforcados” (GOMES, 2004, *Dmn*, p. 4). Poderemos, por outro lado, compor os múltiplos métodos que dispomos como um mosaico para construir as pontes entre os vãos dos caminhos já traçados.

O Labirinto corresponde a uma imagem universal de “busca de conhecimento” (LEÃO, 1999, p. 83). O termo labirinto normalmente é associado à idéia de encontrar-se perdido e à idéia de confusão ou erro; entretanto, podemos pensar em labirinto como uma metáfora para a complexidade e para a possibilidade de colocar em questão as certezas que temos do mundo.

Quando enfrentamos o labirinto, o grande desafio a que estamos submetidos é o de encontrar ou descobrir, através de um trajeto incerto e tortuoso, um todo coerente. Muitas vezes, no meio das paredes, temos a sensação de que andamos em círculo, sem conseguir avançar ou sair do lugar. O mesmo acontece durante a criação em artes visuais. A natureza deste desafio é ambígua, pois sempre existe um prazer no perder-se e outro no encontrar-se. Se, num primeiro momento a ordem é anulada, em seguida ela será reconstruída.

Escolhi tratar do ‘tempo’ e da ‘criação plástica’ enfatizando uma interdependência entre os dois termos diferenciados, heterogêneos, autônomos, irreduzíveis um ao outro, mas com latentes possibilidades de articulação conjunta. A intenção aqui é lançar-me no espaço vazio entre eles, e forçar o deslocamento em direção aos cruzamentos, entrelaçamentos, procurando pelos “pontos de passagem”. Impasses, torções e tensões me acompanharam neste percurso. Mas esta foi a nossa opção: um modo de andar errante, nômade, que pretende habitar terras estranhas, sem pretensão de chegar a lugar nenhum, apenas orientar-se neste fundo infinito e deixar que as “intensidades caóticas” possam atravessar para as vias de atualização. O método foi o do “ferramental mestiço”⁶, do desconhecido, do abismo, do mosaico. Algo nos tira do prumo, nos remete a outros rumos, e nos faz ver o que intuíamos que poderia haver, mesmo sem

saber.

No início do trabalho em artes plásticas, não sabemos ao certo o que queremos, o que podemos fazer nem onde vamos chegar. Lidamos com uma matéria em estado bruto e esperamos transformá-la em alguma coisa que parece estar além de qualquer possibilidade de realização. Agimos intuitivamente num “tempo em suspenso”, numa vivência do tempo e do espaço totalmente diferente da que estamos acostumados a ter habitualmente. Notamos que há uma ‘fenda’ entre o que desejamos fazer, de um lado, e o que conseguimos concretizar com essa matéria, de outro. Sem que se possa antecipar o resultado, nos lançamos e nos abrimos para o desconhecido que nos espera.

Precisamos de tempo para conseguir decifrar este quebra-cabeças que nós mesmos inventamos. Precisamos também ter paciência para suportar o incômodo que acompanha esta angústia de querer fazer algo novo. E, além disso, de muita perseverança para descobrir o fio que nos leva para fora deste labirinto. O mais fácil, às vezes, é desistir quando as dificuldades aparecem. E elas são muitas. Contamos apenas com certa dose de imaginação que nos move em direção ao modo como pensamos poder concretizar nosso desejo. Uma imaginação muitas vezes surpreendente, inesperada, vibrátil, lançada sem uma mira muito precisa. Deixa-se em aberto o alvo que será atingido, pois não há como saber de antemão que caminho será trilhado, nem o que será alcançado (REY, 1996). Tudo o que temos é uma vontade inicial que põe nosso corpo em movimento.

Há um ‘abismo’ no intervalo que separa o que imaginamos do que conseguimos realizar. Um abismo aparentemente intransponível, incomensurável, e praticamente insondável. Um precipício que nos dá vertigem, e que se parece ao caos. Entretanto, este mesmo abismo permite que se abram espaços para que apareça o inusitado, o inesperado e o surpreendente. É através desta tentativa de atravessar a passagem entre o que se deseja e o que está do lado de lá, que sentimos o impulso que nos leva a criar. No início, nosso desejo ainda informe é acompanhado de uma espera ansiosa e angustiante. Não sabemos o que fazer para suportar essa ausência de sentido. E, no entanto, damos início ao trabalho numa turbulência de pensamentos que nos consome até que algo se forme.

Há momentos em que tudo o que temos é um emaranhado de idéias sem contornos ou limites precisos. Nossas respostas são provisórias. Indagamos o que já é conhecido, pois o caminho que nos levará às soluções inéditas passa por este estado de indeterminação e de incerteza. Por vezes, pensamos não ter fôlego para chegar até o final. E, nem sempre estamos dispostos a enfrentar este desafio. No entanto, nos jogamos mesmo sem conseguir ver claramente o que há para ser visto, porque sentimos que há algo por ali.

Envoltos dentro de um “estado de suspensão”, nossa experiência poética se dá neste intervalo temporal, em que nossas ações e nossos

Angela R. Pohlmann

pensamentos ainda não estão totalmente revelados (DERDYK, 2001). Nossas intenções ficam recheadas de ligações bem temperadas entre a razão e o sonho. Mal conseguimos entender o que se passa, e esta pitada de dúvida, talvez seja o seu melhor ingrediente. Seriam estas dúvidas o motor propulsor que nos leva para fora daquilo que estabelecemos previamente? Com elas, dissolvemos todas as regras pré-estabelecidas e recusamos qualquer linha de conduta previamente fixada (LANCRI, 2002).

O artista espera que o impensável de hoje possa ser realizado amanhã, e sabe que a criação é um processo que se dá pela continuidade, cuja dedicação e busca determinam as seleções, escolhas, avanços e retornos.

Não se trata de um processo fixo ou simples. É antes, um constante desdobramento de transformações e reestruturações. A cada instante nossos limites são testados, e inesperadas qualidades nos impulsionam para novos referenciais. Criamos projetos para serem ultrapassados, e este despojamento é fundamental, em arte, como a única forma de abandonar o que havia sido decidido de início em favor do desconhecido que poderemos vir a conhecer.

Sobre o tempo na criação

O que falta fazer? É sempre na seguinte, na obra que o artista ainda não fez, que ele irá buscar sua satisfação. Ele muda de planos a qualquer momento, pois os desvios e as alterações de rota o ajudam a clarear a “idéia” ou o projeto que o colocou em movimento. Este tempo em que a obra está em processo é um tempo que não está vinculado ao tempo do relógio, nem a espaços determinados; é o tempo que está fora da ordem “crono-lógica”. Num estado de total adesão, a obra se faz num tempo que permanece em suspenso. Para encontrar o que ainda não parece bem resolvido, o artista trabalha com a pura experimentação entre acertos, equívocos, correções e eliminações.

Numa inseparável ligação entre o físico e o mental, o pensamento se ordena. O fixo é transformado em fluido, as paradas em passagens, a organização em gagueira. Sem se deter em nenhum ponto preciso, seu estilo vibra, treme, transborda. Na tensão entre o projeto e o trajeto, um direciona a criação; o outro demanda a continuidade de ações. O artista persiste porque insiste em perseguir o que lhe escapa.

Durante a criação, não nos esquecemos das horas nem dos dias (Chronos), porque temos prazos de entrega, orçamentos e limites que se impõem sobre nossa vontade de deixar o tempo permanentemente em suspenso, como se fosse possível parar o tempo (Aiôn).

Por alguns períodos, no entanto, é necessário um profundo mergulho para que através de nossas ações alguma coisa possa surgir no contato com a matéria. Somos levados a acreditar que parece não haver tempo, no sentido de

que o tempo que vivenciamos neste mergulho se mantém entre parênteses, isolado do lado de fora de nosso universo. É o momento em que Aiôn prevalece, ao criar uma paisagem que desterritorializa o tempo e o detém.

Nos espalhamos, procuramos por caminhos, e às vezes, tudo o que encontramos são becos-sem-saída. Assim seguimos até o momento em que 'surge uma idéia', abre-se uma possibilidade, nos arrepiamos com o inusitado do momento e, como uma surpresa, a nebulosa se transforma e se dissipa nos deixando entrever o que antes era apenas uma intuição. Estamos, então, na companhia de Kairós. O acaso, a fenda, a encruzilhada, o trovão, o raio que faz fulgurar no atual o que pertencia exclusivamente ao plano das virtualidades.

Os três juntos, Chronos, Aiôn e Kairós nos acompanham, enquanto fazemos o que está a nosso alcance. Sem ver as horas passarem, temos a sensação de que ainda falta alguma coisa e nos sentimos exaustos mesmo na incompletude. O que importa é o perpétuo movimento. As contínuas idas e vindas. De um lado, o desejo de concretizar algo, de outro, a imposição de limites intrínsecos à sua concretização na matéria. O desejo a apontar um futuro que se atualiza a cada ponto de contato com o presente da matéria. Nesta tensão estão regiões ainda por vir.

No início desta pesquisa, eu pensava que o tempo de criação era Aiôn, um tempo em suspenso em que as horas não passam, porque o envolvimento com o trabalho nos faz esquecer que a areia da ampulheta ainda escorre. Agora, penso que o tempo de criação é, mais do que qualquer outro, Kairós: *decisão* e *oportunidade*. A irrupção do acaso não se dá por acaso, mas unicamente pela decisão de lançar-nos. E a indefinição, parte intrínseca a todo o processo, deve ser absorvida, reabsorvida, elaborada e reelaborada continuamente, sem temer o caos e a desordem em que nos metemos. Em algum ponto do caminho, a desorganização e o imprevisível que dançam conosco darão lugar a erros, distanciamentos, enganos e medos, mas igualmente a fluxos, tensões, energias inéditas e formas inspiradoras. Há um perpétuo revezamento de forças que nos inquietam e desacomodam. Nos sentimos inseguros e sem rumo, mas permanece em nós a certeza de que neste infinito desordenado há um processo constantemente renovado.

É o processo, e não seu resultado final que nos faz ir em busca e que nos faz retomar incansavelmente a seu movimento. Integramos técnica e poética até que se chegue ao essencial, sem excessos ou faltas. Há sempre a possibilidade de renovação, neste movimento contínuo que não se refere à repetição do mesmo, mas à possibilidade de instauração do novo.

Percorremos um labirinto vivo feito "não de tijolo e cimento, mas de rastros e pegadas", registrados nos vestígios de interações ou de percursos realizados. Um labirinto feito de nossa própria matéria, o tempo. Como diz Loureiro Jr. (2002), "tudo na mais imperfeita desordem, com milhares de futuros de onde

Angela R. Pohlmann

viemos, milhares de passados para onde vamos e milhares de presentes que pulamos como quem joga uma amarelinha infinita em seu vaivém”. Infinitas pedras e infinitos números aleatórios. E o labirinto perfeito é o de Borges, o deserto, onde as paredes são tão finas e são tantas as encruzilhadas que parece que não há nada.

Como disse Tomaz Tadeu (s/d, p.5), “[...] o que importa é o movimento [], o fluxo, a corrente, a torrente de vida que microscopicamente [] percorre e atravessa aquela outra metade a que estamos acostumados a ver como mundo real”. São estas frestas e estes pontos de passagem que permitem o fluxo e abrem contato entre um lado e outro. Permeáveis, eles se deixam passar, se deixam atravessar.

A continuidade do processo e a incompletude inerente a este movimento nos mostra que cada gesto, cada obra, cada texto pode ser refeito, remodelado, repensado. A possibilidade de aproximação com o que se deseja fazer necessita desta busca ininterrupta, cheia de rasuras, em direção à completude, numa cadeia infinita. O objeto acabado é a fonte de novas formas potenciais a serem realizadas. Estamos dentro de um movimento contínuo, dinâmico e complexo que seria impossível tentar imobilizar.

Referências

- CALVO, A. G. **Contra el tiempo**. 2.ed. Madrid: Lucina, 2001.
- COMTE-SPONVILLE, A. **O ser-tempo**: algumas reflexões sobre o tempo da consciência. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CORAZZA, S. M. “Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos”. In: COSTA, Marisa V. (Org.) **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Porto Alegre: Mediação, 1996.
- DAMÁSIO, A. R. “Lembrando de quando tudo aconteceu”. **Scientific American Brasil**, São Paulo, ano 1, n. 5, p.78-85, out. 2002.
- DERDYK, E. **Linha do horizonte**: por uma poética do ato criador. São Paulo: Escuta, 2001.
- GARCIA, J. **CRONOS E KAIROS**: Repensando a Temporalidade do Currículo. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/cronos_e_kairos.asp?f_id_artigo=117> Acesso em 28 jun. 2006
- GOMES, P. B. M. B. **Arte e geo-educação**: perspectivas virtuais. 2004. Tese de (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- LANCRI, J. “Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade”. In: BRITES; TESSLER (Org.) **O meio como ponto zero**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. (Coleção visualidade, n. 4).

LARROSA, J. **La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación.** Barcelona: Laertes, 1996.

LEÃO, L. **O labirinto da hiper-mídia: arquitetura e navegação no ciberespaço.** São Paulo: Iluminuras, 1999.

LOUREIRO Jr., Eduardo. **Digitalizar é criar encruzilhadas num labirinto.** Disponível em: <http://www.patio.com.br/labirinto/Digitalizar%20%E9%20criar%20encruzilhadas.html>. Acesso em: 25 abr. 2002.

REY, S. "Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais". **Porto Arte**, Porto Alegre, v. 7, n. 13, p. 81-95. nov. 1996.

TADEU, T. **Um plano de imanência para o currículo.** Disponível em: <http://www.ufrgs.br/faced/tomaz/down/>.

Notas

¹ Sobre este assunto, ver também: POHLMANN, Angela Raffin. "Pontos de passagem: o tempo no processo de criação" Tese de Doutorado (orientadora: Dra. Analice Dutra Pillar) Faculdade de Educação/UFRGS, set. 2005. E também o artigo: POHLMANN, Angela Raffin. "Pontos de passagem: espaços intermediários, percursos e deslocamentos entre a paisagem e a criação". In: *Formas e Linguagens* Revista do Departamento de Estudos de Linguagem, Arte e Comunicação da Universidade Regional do Nordeste, RS - Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. – ano III, n.7, jan./jun.2004, pp.135-150. E, também, o artigo "A percepção do tempo na criação plástica" compondo o dossiê "Arte, Criação e Aprendizagem" da revista *Educação e Realidade* da Faculdade de Educação da UFRGS (no prelo).

² Parte do que consta neste artigo foi apresentado na Mesa Redonda "Tempo e Criação", composta com Dra.Marly Meira e Dra.Sandra Richter, com o título "Da diversidade do tempo na criação plástica", na AnpedSul em junho/2006 (Santa Maria, RS).

³ Acreditamos existir uma cumplicidade entre o acontecimento da criação vivida por um artista em seu atelier, e o que será enfrentado pelos alunos do curso de artes visuais de uma universidade. Assim, cada vez que nos referimos ao artista, neste texto, também estamos falando da experiência dos estudantes de artes dos cursos universitários.

⁴ O mito de Cronos historicamente tem sido associado ao tempo. Filho de Urano e Gaia, Cronos é convencido por Gaia a enfrentar Urano que ocultava sistematicamente seus filhos no corpo de Gaia. Ao lutarem, Cronos castra Urano e assume o poder. Urano lança-lhe, então, uma profecia de que ele também será destronado por um filho. Após casar-se com Réia, Cronos aprisiona seus irmãos e devora sistematicamente seus filhos, por receio de que a profecia se concretize. Entretanto, um dos filhos de Cronos, Zeus, nasce e refugia-se em uma gruta. Mais tarde, Zeus enfrenta Cronos e o faz libertar os outros filhos engolidos.

⁵ Encontrado em: http://www.educacaoonline.pro.br/cronos_e_kairos.asp?f_id_artigo=117, acessado dia 28/07/2006.

⁶ Sobre este assunto ver também: CORAZZA, in: COSTA, 1996, p.122.

Angela R. Pohlmann

Correspondência

Angela Raffin Pohlmann - Rua Anita Garibaldi, 850 Apto. 401 - Bairro: Mont' Serrat - cep:
90.450-000 - Porto Alegre - RS.

E-mail: redemoinho@gmail.com

Recebido em 15 de março de 2006

Aprovado em 07 de julho de 2006